

Mudança de partido vira rotina entre congressistas

Interesses políticos ou pessoais levam senadores e deputados a deixar legenda usada na eleição

MARTA SALOMON

BRASÍLIA — O deputado paulista Alberto Haddad começou a legislatura no bloco governista, desligou-se do PRN para filiar-se ao PTB e acabou ficando sem partido. Como Haddad, quase três dezenas dos 503 deputados e 81 senadores já não estão mais na mesma legenda pela qual assumiram o mandato há dois meses.

O líder do PTB, deputado Gastone Righi (SP), está animado com a possibilidade de em breve ampliar sua bancada. Foi no PTB que se registrou, porém, a maior baixa da atual legislatura. O partido perdeu quatro deputados que participaram de uma frustrada manobra para tirar o deputado Gastone Righi da liderança. O outro candidato a líder, deputado Maurício Calixto, liderou uma debandada de parlamentares de Rondônia rumo ao Partido Trabalhista Renovador.

Na operação, o PTR — partido que elegeu Joaquim Roriz, governador do Distrito Federal — ganhou novas adesões e atingiu a marca de cinco deputados, o que lhe permite eleger um líder e ter direito a gabinete e um punhado de funcionários.

“Já estava tudo acertado”, afirma o líder Benedito Domingos (PTR-DF), que tenta conquistar outros três filiados até o final do mês. Se depender do líder Gastone Righi, o PTR deverá receber a filiação de Alberto Haddad, que participou da rebelião contra Righi. “Ele fez muita confusão no PTB, não o queremos mais na bancada”, disse Righi. No entanto, a lista de presenças da Câmara ainda inclui Haddad entre os petebistas.

NAMORO

As baixas no PTB foram parcialmente compensadas

com a volta do deputado Félix Mendonça (BA), que se desligou do bloco governista e com a entrada do deputado Aníbal Teixeira (MG), na vaga do deputado Bonifácio de Andrada (PDS), que se tornou secretário de Estado. Righi se entusiasma com a possibilidade de atrair o grupo liderado pelo senador José Sarney (PMDB-MA). “O namoro está de pé.”

No PMDB, o líder Genebaldo Correia (BA) espera fazer crescer a sua bancada nos próximos meses, no embalo da candidatura do ex-governador Orestes Quércia à Presidência da República, em 1994. Genebaldo atribui à nova presidência do partido as recentes filiações, que ampliaram a bancada de 108 para 111 deputados.

A mais nova adesão é a do deputado José Thomaz Nonô (AL), que saiu do PFL para fazer oposição ao presidente Fernando Collor. Contudo, no momento em que mudava de partido, acabou ajudando o governo: Nonô saiu do plenário para acertar os últimos detalhes da filiação enquanto os partidos oposicionistas tentavam, sem sucesso, reunir maioria absoluta de votos para limitar o poder do presidente de editar medidas provisórias.

O FATOR REGIONAL

O crescimento do PMDB foi mais significativo no Senado, onde a bancada aumentou de 22 para 25 senadores. “Por conta do Quércia, ninguém veio por enquanto”, garante o líder Humberto Lucena (PMDB-PB). Ele atribui a recente adesão do senador Divaldo Suruagy, ex-PFL, a problemas regionais em Alagoas.

O bloco governista na Câmara, por enquanto, só perdeu parlamentares. São menos cinco desde o início da legislatura. A principal baixa foi em Alagoas, onde Olavo Calheiros, irmão do ex-líder do governo Renan Calheiros, também deixou o bloco. O deputado Moroni Torgan (CE) também alegou motivos regionais para sair do PDC e ir para o PSDB. A mudança ajudou os tucanos a garantir a presidência de uma das comissões técnicas da Câmara.

A dança das bancadas

Quase 30 parlamentares já mudaram de partido desde o início da legislatura, em 1º de fevereiro

Câmara dos Deputados			Senado		
Partido	1º de fevereiro	Hoje	Partido	1º de fevereiro	Hoje
Bloco governista	133	128	PMDB	22	25
PMDB	108	111	PFL	15	16
PDT	46	45	PDT	6	7
PDS	42	41	PDS	4	5
PSDB	38	40	PSB	2	1
PTB	38	36	PMN	1	0
PDC	22	21	Sem partido	4	0
PL	16	15			
PRS	4	3			
PTR	1	5			
Sem partido	0	1			

ArteEstado



André Dusek/AE

Haddad: PRN na eleição, PTB após posse e agora sem partido